

UMA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA APLICADA COGNITIVA ACERCA DA CONSTRUÇÃO DE UM TEXTO MULTIMODAL

Évelyn Coelho Pains Webber (UEMS)
evelynmestraado2018@gmail.com

RESUMO:

Ao tomarmos a noção de multimodalidade (CANI; COSCARELLI, 2016), entendida como o uso de diferentes semioses em um único texto, e ainda de multiletramentos (ROJO, 2012), que conforme o seu prefixo indica a existência de uma gama de multiplicidades presentes na sociedade e nos textos, que segundo essa teoria podem apresentar mais de um design (COPE; KALANTZIS, 2000), isto é, não só a linguagem escrita, mas cores, formas, vídeos, entre outros. No entanto, ao realizarmos a leitura de um texto considerado monomodal o nosso cérebro age transformando as palavras em sintagmas e assim processando-as e atribuindo sentidos constituídos muitas vezes por imagens, formas, até mesmo cheiros, de forma a compor o que poderia ser considerado um texto multimodal. Nesse sentido, nos questionamos até que ponto um texto produzido com um único design não pode ser entendido como multimodal? Para problematizarmos essa questão nos valem das teorias dos multiletramentos e sua pedagogia bem como da perspectiva linguística cognitiva de Pinker (2002), já a metodologia trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Como resultado prévio da problematização observou-se que segundo a teoria de Pinker (2002) nosso cérebro contém um dicionário mental e uma gramática mental, além disso, que ambos apresentam como uma de suas funções a combinação de palavras em sintagmas de modo a torná-los conceitos, que não necessariamente tem em comum o seu símbolo, algo que durante o processo de leitura e construção dos significados ocorre de maneira inconsciente.

Palavras-chave:

Cognição. Multimodalidade. Construção de Sentidos.

1. Introdução

O homem sempre se valeu de diferentes linguagens para criar sentido e se comunicar, assim por vezes acabamos nos esquecendo dessa incrível habilidade, a capacidade de fazer com que o outro entenda o que falamos e assim possamos transmitir conceitos de uma mente para outra.

Perante a sociedade que vivemos enfrentamos constante mudança em diversos setores da sociedade, uma dessas diz respeito a transformação no que se entende por texto, leitura e escrita.

Ler atualmente está além da decodificação de um texto (ROJO, 2009); Cani e Coscarelli (2016), acrescentam que existem conceitos básicos

velhos e os novos conceitos básicos, de um lado está a correção da ortografia e da gramática de outro está considerar as “muitas linguagens sociais e variação na comunicação adequada aos ajustes” (CANI; COSCARELLI, 2016, p. 20).

Isto posto, este estudo de metodologia bibliográfica busca problematizar a noção de texto construído em um único design (monomodal) segundo as teorias dos Multiletramentos e sua pedagogia bem como da perspectiva linguístico cognitiva de Pinker (2002).

Desenvolvimento

O primeiro conceito importante neste artigo diz respeito ao conceito de Multimodalidade e Multiletramentos, o primeiro foi criado por Kress e Van Leeuwen em 2001, e segundo os autores,

[...] a multimodalidade desenvolve conceitos que fornecem subsídios para a análise de textos construídos a partir de diferentes modos de linguagem sem a necessidade de um olhar isolado para cada um deles. (CANI, COSCARELLI, 2016, p. 24)

Para Dias (2015), a multimodalidade é entendida como o uso de diferentes recursos em um único texto e que se combinam para criar sentidos compreendendo os diferentes gêneros.

A relevância de ser capaz de realizar a leitura de textos constituídos por essa perspectiva aumenta cada vez mais, influenciada principalmente pela rápida expansão global em relação a tecnologia que trouxe ferramentas como a internet, que possibilitam a conexão em tempo real com pessoas de diferentes locais do mundo (CANI; COSCARELLI, 2016).

Para Cani e Coscarelli (2016),

Esses textos exigem do leitor habilidades para lidar com uma multiplicidade de linguagens, semioses e modos para deles fazer sentido. A interface com o visual, oral, gestual, tátil e outros recursos semióticos tem se tornado imprescindível na formatação de gêneros textuais que circulam socialmente. (CANI, COSCARELLI, 2016, p. 19)

A partir desse contexto pesquisadores começaram a perceber as multiplicidades presentes na sociedade, que não se limitavam somente aos textos, mas que conferiam essa característica a grupos sociais (CANI; COSCARELLI, 2016).

Assim, o termo Multiletramentos surge com a percepção de que o texto antes restrito à escrita alcançou novas configurações parte pela influência e uso das tecnologias que o auxiliaram a se tornar cada vez mais multimodal (ROJO, 2012). Cabe esclarecer aqui a que se refere o prefixo “multi”, segundo Rojo, existe uma multiplicidade de culturas que não só se diferem, mas que se combinam, as barreiras que antes definiam o que era considerado erudito do popular cada vez mais se mesclam e confundem. Por fim, a multiplicidade seguinte envolve as diferentes linguagens dos textos.

Dessa forma, Cani e Coscarelli (2016) acrescentam que:

Na era multimodal, o conceito de design é fundamental para uma prática reflexiva e produtiva. É preciso que os alunos percebam as várias informações, valores e ideologias que são transmitidas pelas imagens e pelos recursos não verbais presentes nos textos para agir criticamente sobre eles. (CANI; COSCARELLI, 2016, p. 24)

A Pedagogia dos Multiletramentos trabalha com a noção de design para a construção dos significados, isto é, considera que existem outras semioses que precisam ser consideradas ao ler um texto, são elas: design de áudio, design linguístico, design visual, design gestual, design espacial e que os mesmos se combinam (pelo menos dois) para gerar um texto considerado multimodal (COPE; KALANTZIS, 2000). Logo abaixo podemos ver uma figura que representa os designs e suas especificações:



Figura 01: Representação dos modos de significação (COPE; KALANTZIS, 2000, p. 26).

Assim, a partir de uma reflexão sobre o que constitui um texto multimodal surgiu o questionamento: até que ponto um texto produzido com um único design não pode ser entendido como multimodal visto que ao lermos usamos a nossa cognição para interpretá-lo?

Antes de tentarmos responder a pergunta precisamos entender como os sentidos são construídos e o que acontece em nosso cérebro quando lemos.

Para Menezes de Souza (2011),

a produção de significação não é um ato aleatório e voluntarioso de indivíduos independentes: pelo contrário, a produção de significação é um ato complexo sócio-histórico e coletivo no qual cada produtor de significação pertence simultaneamente a diversas e diferentes comunidades que constituem um conjunto social coletivo (Menezes de Souza, 2011, p. 137).

Isto posto, podemos afirmar que os significados são construídos pelo indivíduo e por suas experiências, logo o significado depende do contexto que está inserido.

Pinker (2002), em seu livro *O Instinto da Linguagem: Como a Mente Cria a Linguagem*, dentre os vários assuntos discorre sobre como a mente funciona em relação a leitura e construção de sentidos. Primeiramente o autor esclarece o seu entendimento em relação a linguagem, que segundo ele é vista como um instinto, pois assim “transmite a ideia de que as pessoas sabem falar mais ou menos da mesma maneira que as aranhas sabem tecer teias” (PINKER, 2002, p. 10).

Essa ideia já havia sido difundida por Darwin e mais tarde por Chomsky, segundo essa corrente de pensamento possuímos dois tipos de gramáticas internas, são elas: a gramática mental que nos permite criar um conjunto ilimitado de frases a partir de um conjunto finito de palavras e a gramática universal pela qual desenvolvemos interpretações coerentes a novas construções de frases que nunca ouvimos antes (PINKER, 2002).

Com relação ao que acontece quando lemos, segundo Pinker (2002) existem dois “truques”, o primeiro diz respeito a arbitrariedade do signo de Saussure, isto é, “a combinação totalmente convencional de um som com um significado” (PINKER, 2002, p.96).

Já a segunda surge com um dos primeiros linguistas, o alemão Wilhelm von Humboldt, dentre suas contribuições está a descoberta de que

usamos um código para transformar “ordens de palavras em combinações de ideias e vice-versa” (PINKER, 2002, p. 96).

Dessa forma, ao lermos nosso cérebro transforma as palavras em representações reais de seus respectivos significados que variam conforme o contexto social, histórico de cada indivíduo, conforme Pinker (2002) afirma que

O cérebro de cada pessoa contém um léxico de palavras e os conceitos que elas representam (um dicionário mental), e um conjunto de regras que combina as palavras para transmitir relações entre conceitos (uma gramática mental). (PINKER, 2002, p. 98)

2. Considerações finais

Conforme dito no início deste artigo, este estudo buscou problematizar a noção de texto multimodal e monomodal a partir de teorias como a dos Multiletramentos e a cognição, o que nos levou a refletir sobre como o cérebro humano e suas relações sociais funcionam perante as transformações de textos e culturas que passamos.

Assim, pode-se entender que ao lermos um texto em um único design nosso cérebro transforma as palavras nos seus respectivos significados, assim transformamos um texto só com palavras (monomodal) em multimodal por meio da nossa cognição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. (Eds). *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000.

COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti. *Multiletramentos e Multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2016.

DIAS, Reinilde. Multimodalidade e Multiletramento: novas identidades para os textos, novas formas de ensinar inglês. In: ARAÚJO, Júlio; SILVA, Kleber Aparecido da. *Letramentos, Discursos Midiáticos e Identidades: novas perspectivas*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2015.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mário T. Para uma redefinição de Letra-

mento Crítico: conflito e produção de Significação. In: MACIEL, Ruberval Franco; ARAÚJO, Vanessa de Assis (Orgs). *Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas*. Jundiaí, São Paulo: Paco, 2011.

PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, Roxane. *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.